

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO E OS DESAFIOS A SEREM SUPERADOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Ana Cléa dos Reis (UEL)
Gabrielly Champi Duarte (UEL)
Andréia da Cunha Malheiros Santana (UEL)

RESUMO: O presente trabalho é um relato do Estágio Curricular obrigatório realizado no 3º ano do curso de Letras Vernáculas e Clássicas/UEL em um Colégio Estadual da cidade de Londrina. Por meio deste artigo, buscamos descrever nossa experiência juntamente com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, bem como a recepção da instituição e da professora regente, peças fundamentais para a colaboração de uma boa relação entre educação básica e universidade. Tal relato é acompanhado de reflexão teórica sobre a temática e também propõe ressaltar a importância do estágio para os graduandos e Letras, uma vez que nesse momento o estudante articula a teoria à prática num contexto diferenciado: a educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: estágio; aprendizagem; educação.

1. Introdução

O presente artigo tem o objetivo de analisar o estágio realizado durante o ano de dois mil e dezoito e evidenciar a importância desse momento para a formação do professor. Essa etapa é fundamental para a aprendizagem do aluno de Ensino Superior, além de fazer parte do currículo disciplinar previsto na grade acadêmica, é o primeiro contato que o graduando tem com a realidade prática da docência. As etapas que compõem o período do estágio como: observação, participação efetiva e regência são fundamentais para que o aluno aplique os conhecimentos adquiridos durante o curso, muitas são as atividades que essa última etapa exige, como o planejamento de aula, o uso de ferramentas como quadro-negro, *data show* e a interação entre estagiário e aluno, solicitando que o graduando alie prática e saber teórico. O contato proporcionado pelo estágio possibilita ao estagiário uma percepção de como será sua futura profissão, os conhecimentos necessários para o bom exercício dela e um olhar mais detalhado para a realidade educacional brasileira.

2. A relevância do estágio

Como afirma Fávero (1992), a importância do estágio se dá pelo fato de efetivar o processo da aprendizagem contribuindo para a construção de conhecimento. Além disso, o estágio ajuda os estudantes a desenvolverem habilidades por meio de supervisão. O autor ressalta a dificuldade que os graduandos de licenciatura têm em unir teoria e prática, por isso aponta a relevância disso ser, senão resolvido, ao menos suavizado durante o processo de formação, para que não reflita mais tarde no trabalho do futuro professor.

Pimenta e Lima (2012) apontam que tradicionalmente o estágio é identificado como a parte prática dos cursos de formação de futuros profissionais, como se fosse uma atividade contrária à teoria. As autoras revelam que é comum os alunos de cursos superiores terminarem a graduação e dizerem que seus cursos são teóricos demais e que, na realidade, o aprendizado da profissão vem mesmo é com a prática.

Para Paiva (2004), muitas vezes, o estágio não está articulado ao projeto do próprio curso, a dimensão da prática transcende a questão do estágio e deve permear o curso como um todo, promovendo a articulação entre diferentes práticas e disciplinas, ela não pode ficar apenas centrada no estágio.

Há muitas maneiras de se realizar o estágio, no nosso curso fazemos o estágio de observação, de participação efetiva e de regência. Um dos problemas apontados por Paiva (2004) é que, na maioria das vezes, o estágio é realizado no modelo antigo, no qual a observação e a regência acontecem sem a utilização da tecnologia de formação, sem comunicação com nenhum projeto mais amplo de formação e sem nenhuma ação-reflexão-ação.

Para Smith (1992) (apud Arruda e Gimenez), há quatro etapas para a reflexão crítica: na primeira, há o “descrever”, o professor descreve o que faz (descrição concreta do que ele fez durante a aula). Na segunda, há o “informar”, a busca pelos princípios que embasam a sua prática (conscientemente ou não), o professor busca respostas para a pergunta: “qual é o significado das minhas ações?”.

Na terceira etapa, há o “confrontar”, o professor submete as teorias formais que fundamentam as ações, passa a compreender/entender como as forças sociais e institucionais influenciam o seu modo de ser/ de agir e de pensar, ele responde à pergunta “a que interesses a minha prática está servindo?” “Acredito nos interesses que defendo mesmo ou só estou reproduzindo algo externo, que por ser muito comum eu me apropriei?”.

Na última etapa, há o “reconstruir”, a sua prática e a sua atuação como professor é transformar a nossa prática com vistas à emancipação através do que “viu” nas outras etapas, o professor passa a encontrar alternativas para suas ações e construí-las, adquirindo maior controle sobre sua prática através de autogerenciamento, autorregulação e autorresponsabilidade.

Sem a reflexão proveniente destas etapas, o estágio não terá cumprido plenamente o seu papel.

Outra função do estágio é complementar a formação docente, dessa forma, ele será uma instância de formação continuada, resultado de uma interação contínua entre a educação básica (escolas) e a universidade através de projetos de formação compartilhados. O estagiário pode participar das classes de aceleração, das oficinas de redação, dos clubes de leitura e de conversação, conhecer pesquisas de estudo de caso, pesquisa-ação e projetos de educação continuada.

Todo aluno que intenciona exercer a profissão docente imagina como será seu futuro em um ambiente escolar. Enquanto graduandos, em sala de aula, muitas vezes, idealizamos uma realidade escolar que não existe. Um exemplo disso é quando refletimos sobre as teorias metodológicas e seus objetivos, visamos aplicá-las de maneira efetiva, mas facilmente percebemos, ao primeiro contato com uma sala de aula real e não hipotética, que o exercício da profissão exigirá de nós muitos mais do que imaginamos, pois, esperar que os alunos estejam sempre dispostos e entusiasmados a participarem ativamente das aulas, a se comportarem corretamente (segundo nossos próprios preceitos) e a alcançarem os resultados que esperamos é uma utopia. Tais tipos de pensamento são formas de idealização da profissão, visto que estamos lidando com indivíduos únicos, com contextos sociais variados, em uma fase de suas vidas que o seu conhecimento próprio ainda está em construção.

Por esta razão, a inserção dos estudantes no contexto escolar se faz necessária, para que assim seja possível evitar o desencadeamento de frustrações desnecessárias tanto para o professor quanto para o aluno. É preciso ter em mente que muitas das teorias assimiladas durante a nossa formação poderão não atingir seu propósito exatamente como planejamos, no entanto podemos adaptá-las a nossa realidade e ao que é possível de ser realizado em sala de aula.

3. Ambiente escolar e metodologia

Nosso estágio foi desenvolvido durante todo o mês de junho com duas turmas de nono ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, escola pertencente a região central da cidade de Londrina. Assim que procuramos a instituição, fomos aceitas para participarmos como estagiárias. Primeiramente, conhecemos a estrutura da escola que se revelou muito boa, o colégio conta com uma biblioteca bem organizada, sala de informática, sala de vídeo, salas de aula com carteiras novas e banheiros bem cuidados. Conhecemos também a equipe pedagógica e a sala dos professores, onde fomos bem recebidas.

A carga horária total que o estagiário deve cumprir dentro do espaço escolar é de quarenta horas, divididas entre: dez horas/aula de observação, dez horas/aula de participação efetiva e vinte horas/aula de regência, sendo que uma hora/aula é reservada para a avaliação da orientadora da disciplina “Prática de Ensino de Língua Portuguesa e literaturas de língua portuguesa I: Estágio”, da nossa instituição de ensino. Além dessas horas, também há 40 horas destinadas ao estudo da temática ou grupo de estudo, no nosso caso, essas horas são descontadas através de atividades realizadas no ambiente moodle.

Temos também um tempo destinado para a pesquisa escolar (10 horas), nesta etapa, lemos a Proposta Pedagógica da Escola, destacando o contexto escolar/o perfil dos estudantes e o sistema de avaliação adotado pela instituição. Temos também o planejamento das aulas/atividades (20 horas), um momento para conversarmos com o professor supervisor do estágio (20 horas) e para a elaboração do relatório (30 horas).

Durante o período de observação, notamos que a professora regente utilizava bastante o livro didático para o desenvolvimento das aulas e ficamos atentas às matérias que os alunos estavam aprendendo no momento. Para Paiva (2004), o estágio supervisionado deve incluir a preparação e o manejo de diferentes materiais didáticos, não apenas o livro didático.

Não se trata de negar a contribuição do livro didático, mas de usá-lo como um instrumento útil, não como um substituto do professor. Para Barbara Freitag (1997), dentre os livros didáticos há pouca diversidade, todos são muito semelhantes (padronizados) e tentam se aproximar da norma definida pelo Estado. Outra característica desvantajosa é sua perecibilidade, as indústrias produzem para que haja uma substituição rápida por novos produtos gerando um consumo excessivo (“sociedade do desperdício”).

Para a autora, a importância e influência do livro didático na sala de aula são inegáveis, por isso é importante que a universidade contribua para a melhor utilização deste, formando bons

profissionais nos cursos de licenciatura e pesquisando sobre as questões críticas do sistema educacional.

Além disso, durante esse período, conseguimos notar algumas dificuldades da professora regente em conseguir a atenção de todos os alunos. Em algumas atividades propostas, percebemos que a maioria dos alunos teve dificuldade para a execução, fato este que nos deixou surpresas, pois se tratavam de conteúdos já trabalhados nas séries anteriores.

Ao término do período de observação, questionamos a professora acerca do conteúdo que ela nos indicaria para aplicarmos durante a nossa regência, pois não queríamos interferir em seu cronograma, a sua resposta foi que estávamos livres para a escolha do tema.

Os alunos ficaram surpresos com a nossa presença, percebemos que tanto o colégio quanto os alunos não estão habituados a receberem estagiárias, mesmo assim foram bem receptivos. Com a liberdade que a professora nos proporcionou em relação aos conteúdos a serem trabalhados, pensamos em contemplar algo quase não abordado em sala de aula nas aulas de português: a variação linguística. Levando em conta as dificuldades notadas durante o período de observação, escolhemos também contemplar o conteúdo de tipos e gêneros textuais.

Utilizamos para as primeiras aulas conteúdos relacionados à linguagem, conceituamos os tipos de gramática, ressaltando a importância do domínio da gramática normativa, abordamos as diferenças entre língua e linguagem, os tipos de linguagem, a variação linguística e seus tipos, o preconceito linguístico, juntamente com atividades relacionadas a tais assuntos.

Utilizamos a lousa para a explanação de tais conteúdos, descrevemos o conceito de língua como “um conjunto de elementos organizados voltados à comunicação”, explicamos questões acerca da nossa própria língua, o porquê de ser chamada de língua portuguesa, a influência de outras culturas e línguas, como a indígena, a italiana e a francesa. Diferenciamos língua de linguagem, também utilizando a lousa, deixando explícita a maior abrangência da linguagem, desenhamos na lousa textos não verbais como placas de trânsito para demonstrar a diferença entre linguagem verbal e não verbal. Expusemos as peculiaridades de linguagem formal e informal, deixando claro que a Gramática padrão e culta relaciona-se à linguagem formal e que há contextos em que essa linguagem é cobrada e o fato de ser de suma importância saber utilizá-la, abordamos os tipos de Gramática, diferenciamos a culta da padrão. Para a exposição do conceito de linguagem informal, usamos frases muito utilizadas no dia a dia, como “Caramba, tô muito atrasado”. Explicamos aos alunos que as diferentes

formas de falar existem por determinados motivos e que isso é um fenômeno chamado variação linguística, explicamos os tipos de variação: geográfica; sociocultural; situacional e histórica, dando exemplos de cada um deles, também explícitos na lousa.

Notamos que os alunos ficaram surpresos com os conteúdos, uma vez que se tratavam de conceitos novos e diferentes do que eles estavam acostumados (mesmo o tema estando presente no livro didático).

Com o intuito de conhecermos um pouco da escrita dos alunos, apresentamos um poema de Mário Quintana:

O Tempo – Poema de Mário Quintana

*A vida é o dever que nós trazemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.*
(Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/o-tempo-poema-de-mario-quintana/>).

Perguntamos quem gostaria de fazer a leitura oral, depois pedimos que fizessem uma tarefa: 1. Interpretação do poema. 2. Redação (texto narrativo) baseada no poema. Com a aplicação da atividade, percebemos que a maioria não sabia o que era um texto narrativo e o que deveria ser feito para a interpretação do poema, isto é, não sabiam fazer uma interpretação. A partir dessa dificuldade, tivemos a ideia para a formulação das próximas aulas, todas relacionadas a texto e interpretação textual.

Em duas aulas, trabalhamos com coesão e coerência, elementos básicos de um texto. Nas duas aulas seguintes, levamos os alunos à sala de vídeo para aula expositiva com o auxílio do *data show* sobre tipos, gêneros textuais e noções de interpretação de texto, realizamos exercícios juntamente com os alunos. Na última aula, levamos uma música para ouvirem e fizemos um debate que fez os alunos refletirem acerca do tema da seguinte canção:

Até Quando Esperar - Plebe Rude

*Não é nossa culpa nascemos já com uma bênção
Mas isso não é desculpa pela má distribuição*

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração? (2x)

Até quando esperar?

E cadê a esmola que nós damos

Sem perceber?

Que aquele abençoado

Podéria ter sido você

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração? (2x)

Até quando esperar a plebe ajoelhar

Esperando a ajuda de Deus (2x)

Posso vigiar teu carro, te pedir trocados,

Engraxar seus sapatos? (2x)

Não é nossa culpa nascemos já com uma bênção,

Mas isso não desculpa pela má distribuição

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração?

Até quando esperar a plebe ajoelhar

Esperando a ajuda de Deus

Até quando esperar a plebe ajoelhar

Esperando a ajuda de um divino Deus

(Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/plebe-rude/ate-quando-esperar.html>).

4. Observações relevantes sobre o estágio

Durante todo o período de regência, averiguamos comportamentos distintos, mas nenhuma surpresa: maioria desinteressada e minoria interessada. Já sabíamos que a realidade da sala de aula seria difícil, que teríamos de lidar com diversas situações problemáticas. Quando as posições de aluno/professor foram invertidas, a nossa visão se

ampliou, conseguimos imaginar quais são os desafios diários de um professor, não éramos tão alheias a tal assunto, mas ao vivenciar a realidade de uma sala de aula, em um colégio que é bem conceituado dentre tantos outros, constatamos a situação que se encontra o ensino em nosso país, com uma visão “de dentro” desta realidade, conseguimos entender o desânimo dos docentes ao ter de lidar com tanto desinteresse e falta de apoio no exercício do seu trabalho.

A maioria dos jovens não percebe a importância da aprendizagem escolar, não compreendem que dessa formação depende o seu futuro, muitos não pensam em exercer ensino superior e frequentam a escola por pura obrigação, isso explica o grande desinteresse. Além disso, o governo não presta o devido auxílio aos docentes, não dá suporte para que o professor exerça sua profissão com qualidade e eficiência. Entende-se, então, o desânimo de muitos professores das escolas públicas do Brasil, pois sabemos que esta realidade não é específica, não acontece apenas em nossa cidade.

Conforme afirma Libâneo (1992), o nível de educação em nosso país é desigual, o direito a todos à educação, a disseminação de ensino de qualidade não está disponível à rede de ensino pública, uma vez que estão presentes conflitos de interesses que são pautados pelas classes dominantes:

Na sociedade capitalista, o saber se torna propriedade dos grupos e classes que detém o poder e que controlam a sua difusão: para os seus filhos oferecerem o ensino das ciências sociais e exatas, além de uma preparação intelectual; para os filhos dos trabalhadores limitam e simplificam os conteúdos, destinando-lhes uma débil formação intelectual, pois se trata de prepará-los para o trabalho físico. Na sociedade atual, portanto, há uma distinção dos conteúdos de ensino para diferentes grupos sociais: para uns, esses conteúdos reforçam os privilégios, para outros fortalecem os espírito de submissão e conformismo.
(LIBÂNEO, 1992, p.139).

Diante disso, temos a necessidade de repensar o papel do professor frente a uma realidade tão difícil. É fato que toda profissão tem seus aspectos positivos e negativos e, se quisermos exercer a docência, devemos sempre ter isso em mente e, também, infelizmente, encarar a realidade e não esperar apoio do governo, tentar, acima de tudo, fazer a diferença no ensino e pensar nos objetivos que cumpriremos durante a profissão, pois como aponta Libâneo:

[...] a prática educacional se orienta, necessariamente, para alcançar determinados objetivos, por meio de uma ação intencional e sistemática. Os objetivos educacionais expressam, portanto, propósitos definidos explícitos,

quanto ao desenvolvimento das qualidades humanas que todos os indivíduos precisam adquirir para se capacitarem para as lutas sociais de transformação da sociedade. O caráter pedagógico da prática educativa está, precisamente, em explicitar fins e meios que orientem tarefas da escola e do professor para aquela direção. Em resumo, podemos dizer que não há prática educativa sem objetivos.

(LIBÂNEO, 1992, p.120).

Sendo assim, fica nítido que devemos focar nos nossos objetivos enquanto futuros educadores, o aluno que se depara com um professor com uma postura crítica, que questiona assuntos relevantes para seu aprendizado e conhecimento, reflete em sua formação não somente enquanto aluno, mas enquanto ser humano. Como aponta Libâneo (1992), não podemos esquecer que a principal tarefa da escola na sociedade é a democratização dos conhecimentos, garantindo uma cultura de base para todas as crianças e jovens, portanto, nossos objetivos enquanto docentes devem estar pautados em dar o nosso máximo para formação de futuros cidadãos pensante com senso crítico, respeito e empatia.

5. Considerações finais

A experiência do estágio curricular obrigatório é uma etapa muito importante para o aluno da graduação, pois além da experiência real com o cotidiano do professor, dos alunos e da instituição de ensino, é um divisor de águas para aquele que ainda tem dúvidas quanto a sua verdadeira vocação, sim, vocação. Para esclarecer um pouco mais o nosso ponto de vista, pensemos em nosso futuro como professores iniciantes, ministrando aulas; podemos ter a teoria, podemos adquirir a prática, mas se não é isso que queremos, se não gostamos do que fazemos, estaremos fadados à negligência. A profissão de professor requer algo mais do que um diploma, do que uma graduação, pois seremos responsáveis pela aprendizagem de adolescentes que estão em formação, não apenas escolar, mas formação enquanto sujeito crítico, com capacidade de combater e principalmente reconhecer os problemas da sociedade em que está inserido.

De fato, estamos conscientes de que existem, além da formação acadêmica, vários fatores externos que compõe essa formação do aluno enquanto sujeito, mas não podemos culpabilizar esses fatores e desistir. É necessário que se façam mudanças, o Estado negligencia seus professores, negligencia o espaço escolar e não incentiva a educação, pois seu interesse é que continue como está, uma educação tradicional ou, como foi denominada por Freire (1987), uma educação bancária, em que o conhecimento é transmitido do professor

para o aluno, sem que o aluno se manifeste ou dialogue, sem que ele exponha seu ponto de vista, seus conhecimentos, o professor é detentor do conhecimento, questiona e responde, ou seja, uma educação automatizada.

Por isso, o uso do termo vocação como um elemento diferencial para se exercer a profissão de docente, uma vez que, não contando com apoios externos, a metodologia do professor deverá ser pautada por seus princípios. Como afirma Libâneo (1992), é necessário que o docente saiba qual metodologia utilizar em sala de aula, pautada em qualidade, lembrando o quanto é importante exercer a docência para a formação do sujeito crítico na sociedade, com interação que seja profícua e bem sucedida para que os alunos não se tornem cidadãos alienados com a sociedade a sua volta.

O estágio é a referência dos graduandos de licenciatura para seu futuro profissional, a partir desse contato com o ambiente de sala de aula real e não imaginário, teremos um maior entendimento da nossa responsabilidade como agentes transformadores de sujeitos cientes de seu lugar na sociedade, críticos diante das injustiças sociais, com perspectivas positivas para o seu próprio futuro, sujeitos capazes de mudar uma realidade social que se torna cada vez mais hostil.

Ser professor vai além da vocação e estarmos cientes do nosso dever e dos desafios os quais teremos que superar é essencial para obtermos sucesso em nossa futura profissão.

Referências

ARRUDA, Nalini Iara Leite; GIMENEZ, Telma Nunes. O paradigma reflexivo e as diversas interpretações dos formadores de professores de inglês. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 2, p. 29-41, 2004.

CONTOBRASILEIRO. **O Tempo - Poema de Mario Quintana**. Disponível em: <contobrasileiro.com.br/o-tempo-poema-de-mario-quintana/>. Acesso em: 09 out. 2018.

FÁVERO, Leonor Lopes. **A Dissertação**. São Paulo: USP/VITAE, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAG, Barbara; MOTTA, Valéria Rodrigues Ferreira de. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Avaliação dos cursos de Letras e a formação do professor. **Revista do GELNE**, v. 5, n. 1, p. 193-200, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7^a ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VAGALUME. **Até Quando Esperar - Plebe Rude**. Disponível em:

<www.vagalume.com.br/plebe-rude/ate-quando-esperar.html>. Acesso em: 09 out. 2018.